

# **Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 7a, Hebreus 7:1-8:13: Melhor Sacerdócio, Melhor Aliança (Parte 1)**

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Hebreus 7:1 a 10:18 apresenta o longo e difícil argumento sobre a mediação sacerdotal de Jesus, aprofundando-se nos tópicos que o autor já levantou no capítulo 2, versículos 17 e 18, e depois novamente no capítulo 4, versículos 16 a 5, versículo 10. Nesta longa seção central, o autor lidará com várias questões importantes, que devemos manter diante de nós enquanto trabalhamos nos detalhes de seu argumento. A primeira pergunta é: qual é o significado de ser um sumo sacerdote na linhagem de Melquisedeque? E o que qualifica Jesus para ser nomeado para esta linhagem sacerdotal? Uma segunda pergunta é: quais são as consequências para a antiga aliança e o sacerdócio que mantinham essa aliança da chegada do sacerdote agora na linhagem de Melquisedeque e não na linhagem de Arão? Uma terceira e principal pergunta é: qual é o significado da morte e ascensão de Jesus se entendermos esses eventos como a obra do sacerdote na linhagem de Melquisedeque? E finalmente, quais são as consequências para aqueles que se aproximam de Deus através da mediação de Jesus em vez da mediação da linhagem levítica de sacerdotes? Os capítulos 7 e 8 abordam principalmente as duas primeiras dessas questões, começando com, qual é o significado de ser um sumo sacerdote na linhagem de Melquisedeque? E o que qualifica Jesus para ser nomeado para essa linhagem? Hebreus 7, versículos 1 a 10, volta à história de Melquisedeque, conhecida de Gênesis 14, apresentando quem ele é e extraíndo o que a história de Melquisedeque de Gênesis pode nos dizer sobre esse novo sacerdote na linhagem de Melquisedeque.

O autor está particularmente interessado em demonstrar que esta é uma linha sacerdotal mais distinta do que a linha sacerdotal de Aarão. Ele está construindo sobre a reputação positiva da linha sacerdotal de Aarão, que, pelo menos dentro da cultura judaica e judaico-cristã, realmente ocupava o mais alto e honrado cargo no mundo antigo. Uma das estratégias comuns usadas na retórica antiga para louvar uma pessoa era insistir na dignidade de seus ancestrais, e isso é algo que encontramos em ação aqui, enquanto o autor de Hebreus pensa sobre a dignidade de Levi vis-à-vis a dignidade de Melquisedeque.

Isso refletirá na dignidade das duas linhas e na dignidade relativa das duas linhas que derivam desses dois predecessores sacerdotais. Outra estratégia para louvar um indivíduo era comparar essa pessoa com pessoas semelhantes de valor. O autor também continua a perseguir essa estratégia, pois já comparou o filho com anjos e o filho com Moisés.

Ele continua agora a enfatizar a honra do filho e o valor de permanecer ligado a ele, enfatizando sua maior honra do que a honra que adere aos sumos sacerdotes levíticos. No capítulo 7, versículos 11 a 28, o autor explora os maiores benefícios a serem desfrutados por aqueles que se aproximam de Deus por meio de Jesus sobre aqueles benefícios oferecidos pelos sacerdotes da linhagem de Levi. Mas ele também explora as consequências para a Torá, a própria lei, da nomeação de Jesus para esse sacerdócio não levítico.

No início do capítulo 8, o autor faz uma declaração resumida que também introduz tópicos que dominarão os capítulos 9 e 10. Eles incluem o melhor local em que Jesus executa sua obra sacerdotal, o próprio céu, o lugar santo celestial, bem como a natureza superior do sacrifício que Jesus oferece, ou seja, sua própria vida pela vida do mundo.

Na segunda metade do capítulo 8, ou seja, versículos 7 a 13, o autor recita um oráculo de Deus marcante das escrituras sagradas. Ele encontra em Jeremias capítulo 31, versículos 31 a 34, o oráculo divino que fornece a evidência para sua afirmação de que Jesus é agora o mediador de uma aliança melhor fundada em promessas melhores. Este oráculo também fornece a resposta decisiva para a segunda questão que o autor aborda nesta longa e difícil palavra.

Quais são as consequências para a antiga aliança e o sacerdócio que mantinham essa aliança da chegada de um sacerdote na linhagem de Melquisedeque? O Salmo 110 desempenhou um papel muito importante na exposição do autor sobre a pessoa e a obra de Jesus, o Filho. O Salmo 110 versículo 1, é claro, é o texto familiar: senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um escabelo para os teus pés. O Salmo 110 versículo 4, no entanto, leva o autor mais a fundo no mistério da pessoa de Jesus e trabalha com a linha, tu és um sacerdote para sempre na linhagem de Melquisedeque.

Isso convida a uma exploração mais aprofundada por parte do autor dessa figura de Melquisedeque. O autor se volta para Gênesis 14, versículos 14 a 20, que é o único outro lugar nas escrituras judaicas em que essa figura sombria aparece. Lá, nós lemos.

Depois de seu retorno da derrota de Quedorlaoma e dos reis que estavam com ele, o rei de Sodoma saiu para encontrar Abraão no vale de Savé. Esse é o vale do rei. E o rei Melquisedeque de Salém trouxe pão e vinho.

Ele era um sacerdote do Deus Altíssimo. Ele abençoou Abraão e disse: E Abraão lhe deu um décimo de tudo. O pano de fundo desta história nos prepara para examinar o uso que o autor faz desta figura e deste episódio.

Como lemos em Hebreus 7, versículos 1 a 3. Primeiro é traduzido como Rei da Justiça. E então Rei de Salém, que é Rei da Paz. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, sendo semelhante ao Filho de Deus, ele permanece sacerdote perpetuamente.

À medida que o autor expande o significado de Melquisedeque e suas histórias, ele procura particularmente por pontos de semelhança entre Melquisedeque e Jesus como Messias. Ele mesmo indica isso indiretamente em 7, versículo 3, onde diz que Melquisedeque foi feito para se assemelhar ao Filho de Deus. Quais são, então, alguns desses pontos de semelhança que o autor encontra sugerindo uma conexão próxima entre Melquisedeque e o Messias? O autor oferece definições do nome de Melquisedeque e do título de Melquisedeque porque esses são, eles próprios, indicadores messiânicos.

Melquisedeque é interpretado como um nome que significa Rei da Justiça. E seu título, Rei de Salém, é interpretado Rei da Paz. Encontramos traduções semelhantes de Melquisedeque e seu título no tratamento de Filo dessa figura.

Justiça e paz são ambas características do Messias de Deus e do reino messiânico. Poderíamos recorrer a Isaías 9, versículos 6-7, para apenas um exemplo bem conhecido nos profetas hebreus. Pois uma criança nos nasceu, um filho nos foi dado.

A autoridade repousa sobre seus ombros, e ele é chamado de Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Sua autoridade crescerá continuamente, e haverá paz sem fim para o trono de Davi e seu reino. Ele o estabelecerá e o sustentará com justiça e retidão, deste tempo em diante e para sempre.

Esta profecia sobre a restauração da monarquia davídica destaca particularmente tanto a paz quanto a retidão ou justiça, que são sinônimos como marcas registradas da era messiânica. Mais adiante em Isaías, lemos novamente: Então a justiça habitará no deserto, e a retidão habitará no campo fértil. O efeito da retidão será paz e o resultado da retidão, quietude e confiança para sempre.

Exemplos poderiam ser multiplicados a partir de textos dos profetas hebreus e também de textos judaicos posteriores do período do Segundo Templo. Não apenas o nome e o título de Melquisedeque são um indicador do Messias, mas ele também se assemelha ao Filho de Deus de algumas outras maneiras. O autor descreve Melquisedeque como sendo sem pai, sem mãe, sem genealogia e não tendo nem o princípio dos dias nem o fim da vida.

O princípio em ação aqui, enquanto o autor está girando essas implicações da história de Gênesis, é que os silêncios das Escrituras também são eloquentes. Nada é

dito em Gênesis 14 sobre a linhagem de Melquisedeque. Não somos informados sobre seu pai ou sua mãe ou de qual tribo ele vem.

Não nos é dito sobre seu nascimento nem sobre sua morte. O autor toma esses silêncios como significativos, como se o autor de Gênesis quisesse apresentar Melquisedeque como um tipo daquele que viria, o Filho de Deus que verdadeiramente é sem começo nem fim de vida. A palavra aqui, sem genealogia, sem pedigree, é particularmente importante.

Este sacerdócio segundo a linhagem de Melquisedeque é estabelecido em algo diferente da descendência biológica, que estava no cerne do que qualificava alguém para o sacerdócio levítico. Isso talvez não seja visto em nenhum lugar mais claramente do que na preservação cuidadosa da genealogia durante o período do exílio babilônico e depois, como visto nos livros de Esdras e Neemias. Se alguém não pudesse verificar sua linhagem dentro de um clã sacerdotal dentro da tribo de Levi, era excluído do serviço do templo até que tal alegação pudesse ser verificada.

A genealogia era tudo. O que é esse algo diferente que é a base do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque? O autor infere uma resposta das características restantes de Melquisedeque que ele identifica aqui, não tendo nem o começo dos dias nem o fim da vida. A marca definidora da linhagem sacerdotal de Melquisedeque se torna preexistência e existência na eternidade.

Isso já é algo que o autor estabeleceu para o Filho. Em Hebreus 1:1-4, ele falou da existência do Filho antes da criação como um parceiro de Deus na criação. Em Hebreus 1:10-12, ele já inferiu com base em um texto bíblico autoritativo que o Filho existirá muito depois da dissolução da criação material e da introdução da era vindoura.

O pregador explorará o fruto argumentativo disto mais tarde no capítulo 7, particularmente no versículo 7, 16, onde ele identifica Jesus como detentor de um ofício sacerdotal não com base no mandamento de uma ordenança carnal, mas com base em uma vida indestrutível. Além disso, no capítulo 7, versículos 23-25, o pregador alegará que a vida sem fim deste sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque é um ponto de vantagem para aqueles que se aproximam de Deus por meio dele, em vez de por meio dos muitos sacerdotes que não conseguem manter o ofício do sacerdócio porque a morte continua intervindo. Mas o sacerdote segundo a linhagem de Melquisedeque sempre vive e, portanto, é sempre capaz de fazer intercessão por aqueles que se aproximam de Deus por meio dele.

Como mencionei antes, uma estratégia antiga para louvar um indivíduo era comparar seus ancestrais com outras grandes figuras e mostrar que seus ancestrais eram, de fato, maiores do que aqueles. É precisamente isso que o autor de Hebreus agora faz no capítulo 7, versículos 4-10, ao desenvolver um argumento para a

elevação de Melquisedeque acima de Levi. A implicação é que o sacerdote na linhagem de Melquisedeque possuirá maior honra do que qualquer sacerdote na linhagem de Levi.

Veja quão grande foi este, o autor escreve na abertura do versículo 4. Aqui, o autor anuncia sua tese para o parágrafo que se segue. Melquisedeque foi aquele a quem Abraão deu um décimo dos despojos que ele havia tomado naquela batalha contra Quedorlaomer e os outros reis que se uniram contra Abraão, contra o rei de Sodoma e contra seus aliados. Agora, o autor de Hebreus interpreta este ato como dízimo, isto é, como dar ao mediador sacerdotal de alguém o que é devido a ele.

Então, Abraão dar a Melquisedeque um décimo não foi apenas um ato generoso para com um rei vizinho, mas foi um ato de dar ao seu sacerdote o que lhe era devido em virtude do status maior daquele sacerdote e de funcionar como um mediador em nome de Abraão com Deus. Isso leva o autor a contrastar com os filhos de Levi. Como ele escreve, aqueles que são filhos de Levi, o sacerdócio, recebem um mandamento de dizimar o povo de acordo com a lei, isto é, seus próprios irmãos, embora eles também tenham vindo dos lombos de Abraão.

O autor se refere aqui a qualquer um dos vários comandos do Pentateuco, por exemplo, Números 18:21. Aos levitas, dei todos os dízimos em Israel para posse em troca do serviço que eles realizaram, o serviço na tenda da reunião. É a genealogia que distingue os levitas dos outros israelitas e que qualifica os levitas a receber dízimos daqueles que vêm dos lombos de Abraão como eles.

Mas aqui, o pregador continua, aquele sem uma linhagem deles dizimou Abraão e abençoou aquele que tinha as promessas. Em Gênesis 14, diferentemente dos arranjos sob a Torá, o sacerdote sem qualificações genealógicas explícitas recebe o dízimo de Abraão. O ponto parece ser que os levitas cobram o dízimo de iguais com base na posse de uma qualificação genealógica especial, enquanto Melquisedeque cobra o dízimo de um inferior, não apenas sem qualificações genealógicas, mas, mais significativamente, sem genealogia alguma.

Melquisedeque é aquele que representa um ser eterno, apresentado como se não tivesse começo de dias ou fim de vida. E aqui, ele recebe um dízimo de um mero ser mortal. Há dois argumentos então a favor da superioridade de Melquisedeque.

O autor sugere que, citando, sem nenhuma contradição, a parte inferior é abençoada pela parte superior, referindo-se àquela parte da história em que Melquisedeque abençoa Abraão. O autor está, é claro, assumindo que os ouvintes colocarão mentalmente entre parênteses uma série de instâncias em que os inferiores pronunciam superiores abençoados ou invocam bênçãos sobre os superiores. Por exemplo, servos abençoam ou oram por bênçãos sobre seu rei, ou adoradores abençoam a Deus.

No entanto, na experiência humana, é frequente que aquele com maior privilégio seja aquele que tem o poder de invocar uma bênção sobre aquele com menor privilégio. Por exemplo, na situação muito comum de pais abençoando filhos. E é essa fatia da vida que o autor invoca, como ele diz, sem contradição.

Além disso, ele faz uma distinção entre a imortalidade de Melquisedeque e a mortalidade dos sacerdotes levíticos. Aqui, pessoas mortais, isto é, aqui nos arranjos sob a Torá, pessoas mortais receberam dízimos, mas ali é testificado que ele vive. Neste caso, o imortal é simplesmente superior ao mortal.

Então o autor continua dizendo que, neste caso, seres humanos mortais recebem dízimos, mas, nesse caso, o testemunho é dado de que ele vive. E, por assim dizer, Levi, que recebeu dízimos, pagou um dízimo por meio de Abraão, pois Levi ainda estava nos lombos de seu ancestral quando Melquisedeque o encontrou.

Com a frase, por assim dizer, o pregador reconhece que está se entregando a um pouco de presunção metafórica aqui. No entanto, sua afirmação reflete bem a noção coletiva de identidade e personalidade que teria sido parte da mentalidade da pessoa antiga. Todos os descendentes de Abraão ainda estão em algum aspecto em Abraão na época dos eventos de Gênesis 14.

Portanto, a ação de Abraão em relação a Melquisedeque tem implicações para Levi e os sacerdotes descendentes de Levi. O próprio sacerdócio deles é secundário e, em última análise, dependente do de Melquisedeque, cujo sacerdócio e mediação Abraão reconheceu quando apresentou a Melquisedeque um dízimo. Como o autor pode alegar que a aliança mosaica, juntamente com o sacerdócio levítico que havia sido autorizado e regulado por ela por séculos, estava agora sendo deixado de lado em favor de um novo sumo sacerdote, Jesus, e em favor de uma nova aliança? O autor se esforça para dar aos seus ouvintes evidências bíblicas para as alegações que ele está fazendo em nome de Jesus.

No capítulo 7, versículos 11 a 19, o tópico da perfeição emerge novamente como muito importante. O autor o destaca ao colocá-lo tanto no início quanto no fim desta seção, formando o que é chamado de inclusão. O versículo de abertura é uma pergunta retórica.

Se, portanto, a perfeição fosse por meio do sacerdócio levítico, pois o povo recebeu a lei com base nesse sacerdócio, que necessidade haveria de falar de um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque sendo nomeado e não um segundo a ordem de Arão? E então, no final da seção 7:19, lemos que a lei não havia aperfeiçoado nada. Então, temos essa inclusão em torno da ideia de perfeição. Precisamos, portanto, perguntar: o que a perfeição significa para o autor aqui nesta passagem e em todo o discurso central dos capítulos 7 a 10? Uma coisa que podemos dizer é que a

perfeição significa a purificação da consciência da contaminação do pecado para que o ser humano possa se aproximar de Deus face a face, em vez de permanecer a uma distância segura da santidade de Deus.

Essa limpeza da consciência é precisamente o que os sacerdotes levíticos não conseguiam fazer, citando, oferecendo presentes e sacrifícios que não são capazes de aperfeiçoar a consciência do adorador, de acordo com Hebreus 9, versículos 1 a 10. Isso se reflete em palavras diferentes em 7:11. Essa perfeição não veio ao povo por meio do sacerdócio levítico. Os sacerdotes levíticos não conseguiam limpar a consciência dos adoradores e levá-los a um estado em que pudessem ficar na presença de Deus, purificados de seus pecados e de suas afrontas contra Deus.

Perfeição também significa entrada no reino eterno supremo. Assim como a Torá e seu sacerdócio não poderiam trabalhar sobre o adorador de modo a ser capaz de conduzi-lo à presença de Deus no templo, o modelo terrestre do reino de Deus, a lei e seu sacerdócio são incapazes de levar os seres humanos à presença real de Deus, ao templo celestial, o reino celestial inabalável onde Jesus entrou como um precursor em nosso favor. Ao chegarmos ao capítulo 7 versículo 11, então, entramos em um argumento implícito da cronologia.

No Salmo 110 versículo 4, o rei Davi comunica um oráculo divino sobre a nomeação de um sumo sacerdote na linhagem de Melquisedeque, e ele faz isso várias centenas de anos após o estabelecimento da linhagem sacerdotal de Levi. O autor infere disso que a linhagem sacerdotal de Levi não iria atingir os bons fins de Deus para o povo de Deus. O anúncio de uma nova linhagem de sacerdotes no Salmo 110, o texto mais recente, implica o fracasso da antiga linhagem existente de sacerdotes estabelecida na Torá em completar a designação de Deus para eles de aperfeiçoar os adoradores.

Também em ação aqui está a interconexão compreendida do sacerdócio levítico e da lei mosaica ou aliança sinaítica, uma vez que o povo recebeu os regulamentos da Torá, a lei, com base na existência do sacerdócio levítico. Os sacerdotes levíticos e seus rituais eram essenciais para o funcionamento, manutenção e reparação da aliança sinaítica. À medida que o povo pecava contra Deus, o trabalho dos sacerdotes levíticos reparava o relacionamento.

Quando o povo desejava apresentar ofertas de agradecimento e de outra forma comunicar gratidão ao seu benfeitor divino, os sacerdotes levíticos eram os mediadores de tais mensagens e sacrifícios. Além disso, a aliança ou a lei era fundamental para o sacerdócio. Como o autor dirá no final do capítulo 7, a lei nomeia como seus sacerdotes homens que estão sujeitos à fraqueza.

Então, os dois, Torá e sacerdócio levítico, estão inextricavelmente interligados. O autor então extrai a implicação disto no versículo 12. Com o sacerdócio sendo mudado, há também, por necessidade, uma mudança de lei.

A prova conclusiva disso será encontrada em Jeremias 31, versículos 31 a 34, que o autor irá recitar como sua evidência na conclusão de Hebreus capítulo 8. Por enquanto, ele oferece outra evidência em apoio à sua insistência de uma mudança de lei, a saber, a própria nomeação de Jesus para este ofício sacerdotal na linhagem de Melquisedeque. Pois aquele de quem estas coisas são ditas pertencia a uma tribo diferente, da qual ninguém foi nomeado para cuidar do altar. Pois é claro que nosso Senhor era descendente de Judá, em relação à qual tribo Moisés nada disse sobre sacerdotes.

O autor sabe e assume que seus ouvintes saberiam ou prontamente concederiam que Jesus nasceu na linhagem de Judá, sobre a qual Moisés não deu nenhuma palavra sobre sacerdotes. O estabelecimento dessa nova ordem de sacerdócio na linhagem de Melquisedeque, e assim a decisiva mudança do sacerdócio e da lei que regula o sacerdócio e é mantida pelo sacerdócio levítico, é tornado ainda mais claro, como o autor coloca, pelo fato da ressurreição de Jesus. Esta é a evidência do poder de uma vida indestrutível que o próprio Melquisedeque prenunciou com sua misteriosa aparição e desaparecimento do palco da história sem o começo dos dias ou o fim da vida.

A fé na ressurreição torna-se, portanto, um suporte principal para a convicção de que Jesus foi nomeado para esta ordem sacerdotal porque ela dá testemunho de que você é um sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque. A frase, um sacerdote para sempre aqui, nem sempre foi tomada para se referir a algo tão extraordinário. O autor de 1 Macabeus, capítulo 14, versículo 41, refere-se à nomeação de Simão, o fundador da dinastia Hasmoneu, como líder e sumo sacerdote para sempre, usando a mesma linguagem.

Seguido de forma reveladora pela palavra até. No caso de Jesus, no entanto, uma aplicação mais literal dessa frase se tornou possível. Conforme o pregador continua, e é ainda mais abundantemente claro, uma vez que outro sacerdote se levantou à semelhança de Melquisedeque, que se tornou tal não de acordo com a lei, um mandamento carnal, mas de acordo com o poder de uma vida indestrutível.

Pois ele deu esta atestação de que você é um sacerdote para sempre na linhagem de Melquisedeque. O fato de que Jesus agora vive além do poder da morte estabelece a semelhança familiar, por assim dizer, entre Jesus e Melquisedeque. Diz-se que Jesus se tornou um sacerdote não com base em uma lei, em uma ordenança carnal, mas com base em uma vida indestrutível.

O autor está, portanto, relativizando o valor das qualificações do sacerdote levítico. Ele é baseado meramente em uma qualificação carnal conectada à descendência física e genealogia, mas o sacerdócio de Jesus é baseado em um tipo de ser qualitativamente diferente e superior, um tipo eterno de ser. Nos versículos finais

desta passagem que lemos, há uma rejeição do mandamento anteriormente dado por conta de sua fraqueza e inutilidade, pois a lei nada aperfeiçoou, e a introdução de uma esperança melhor, por meio da qual estamos nos aproximando de Deus.

O autor, portanto, recapitula seus pontos principais. A nomeação de um sacerdote na linhagem de Melquisedeque demonstra a ineficácia do sacerdócio levítico e da aliança que ele mediava para levar as pessoas ao objetivo desejado por Deus para elas, encapsulado aqui naquele termo carregado, perfeição. Por outro lado, a nomeação deste novo sacerdote nesta ordem alternativa e maior de sacerdócio introduz uma esperança melhor de que este objetivo será de fato agora realizado.

Em Hebreus 7, versículos 20 a 28, o autor de Hebreus aborda ainda mais a questão do que torna a nova aliança um vínculo melhor e mais confiável entre Deus e os mortais do que a anterior. A confiabilidade de um contrato ou aliança depende da confiabilidade do fiador de tal contrato. O autor apresenta duas considerações que estabelecem Jesus como o fiador de uma aliança melhor, como ele coloca no capítulo 7, versículo 22.

A primeira evidência é o juramento de Deus, como ele diz, e assim como, conseqüentemente, não foi sem juramento, enquanto aqueles sem juramento se tornaram sacerdotes, aquele com juramento se tornou sacerdote por meio daquele que falou com ele, o Senhor jurou e não se arrependerá. Você é um sacerdote para sempre. Por este decreto, Jesus se tornou o fiador de uma aliança melhor.

O autor finalmente recita aqui aquela porção do Salmo 110, versículo 4, que revela explicitamente que este é o juramento que Deus deu aos herdeiros da promessa para que, como ele colocou anteriormente em 618, nós que fugimos para tomar posse da esperança colocada diante de nós possamos ter forte encorajamento. Este é o oráculo divino que mostra a imutabilidade da vontade de Deus e, portanto, a confiabilidade final da nova aliança feita através da mediação deste novo sacerdote. A segunda garantia desta melhor aliança é Jesus entrando em sua vida indestrutível.

Como o autor continua dizendo, por um lado, muitos se tornaram sacerdotes, pois foram impedidos pela morte de continuar no ofício, mas ele, por outro lado, detém o sacerdócio sem interrupção por conta de sua permanência para sempre. A esperança por um sacerdote cujo ministério seria infinito e ininterrupto não é exclusiva de Hebreus. Uma expressão marcante da mesma esperança aparece no Testamento de Levi no capítulo 18, que olha para um sumo sacerdote bom e justo que, como o autor coloca, não terá sucessor sob gerações e gerações para sempre.

A troca de sumos sacerdotes criou instabilidade no sistema de mediação no qual o povo judeu confiava em sua aliança com Deus. Nem todos os sumos sacerdotes eram igualmente fiéis a Deus e ao seu ofício. Memórias dos sumos sacerdotes helenizantes de meados do século II a.C., pessoas como Jasão e Menelau e o não confiável

Alcimus , fizeram da sucessão de sumos sacerdotes uma fonte de alguma tensão ou ansiedade na época em que o autor do Testamento de Levi escreveu.

A importância desse ofício para o relacionamento divino-humano explica por que o autor do Testamento de Levi pode considerar um sumo sacerdote virtuoso, estável e imortal como um bem muito desejável. O autor de Hebreus enfatiza a vantagem agora de um mediador imortal como os destinatários têm no Filho. Por causa disso, ele é capaz de resgatar aqueles que estão se aproximando de Deus por meio dele, já que ele sempre vive para interceder em favor deles.

Os destinatários nunca precisam temer um futuro em que não haja um mediador trabalhando para sustentar o relacionamento do povo com seu patrono divino. Eles nunca precisarão temer a troca de um mediador fiel e eficaz por um não confiável, como a substituição de Onias por seu irmão Jasão em 175 a.C. provou ser para a tristeza da nação. Não, em vez disso, os destinatários podem contar com seu fiel e misericordioso sumo sacerdote para continuar por todos os amanhã a permanecer diante de Deus em seu favor.

Hebreus 7, versículos 26 a 28, fornece uma recapitulação, reunindo os pontos principais da discussão anterior sobre o sacerdócio iniciada já no capítulo 5. Pois tal sumo sacerdote nos era adequado, santo, irrepreensível, imaculado, separado dos pecadores e exaltado acima dos céus, que não tem necessidade diária, assim como os sumos sacerdotes levíticos, primeiramente em favor de seus próprios pecados para fazer ofertas a Deus e depois em favor do povo. Para isso, ele fez uma vez por todas, tendo se oferecido, pois a lei estabelece como sumos sacerdotes homens que são passíveis de fraqueza.

Mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, estabelece um filho que foi aperfeiçoado para sempre. Anteriormente no sermão, o autor se esforçou para ressaltar a solidariedade de Jesus com os pecadores, enfatizando a disposição favorável de Jesus, sua simpatia e sua gentileza para com seus clientes. Nesta seção agora, no entanto, o autor passa a enfatizar o outro lado da mediação de Jesus, sua proximidade com Deus e sua separação de tudo o que pode atrapalhar um relacionamento com Deus.

Assim, ele fala de Jesus como um sumo sacerdote adequado que foi exaltado acima dos céus. Ele está se referindo novamente aqui à informação sobre Jesus dada no Salmo 110, versículo 1, aquele convite de Deus para sentar-se à direita de Deus na presença real de Deus no reino inabalável. O autor não está, com isso, enfatizando a inacessibilidade de Jesus aos seus seguidores, pois ele já estabeleceu a prontidão de Jesus para ouvir e ajudar.

Em vez disso, ele está estabelecendo o acesso completo e perfeito de Jesus a Deus em nome deles. O autor também enfatiza uma distinção importante entre Jesus e os

sacerdotes levíticos, a saber, seu relacionamento desimpedido com Deus por causa de sua santidade imaculada e sua obediência ininterrupta. Mais uma vez, neste sermão, o autor retorna ao tópico de que os sumos sacerdotes terrenos tinham que oferecer sacrifícios primeiro por seus próprios pecados.

Isto é, eles tiveram que lidar primeiro com os obstáculos entre eles e Deus devido às suas próprias transgressões antes que pudessem efetivamente mediar em nome dos pecados do povo em geral. Jesus, no entanto, cuja simpatia com seus clientes está enraizada na experiência compartilhada de ser testado, mas não na experiência compartilhada do pecado, não tem tal necessidade. Na verdade, ele faz uma oferta de uma vez por todas em nome do povo, reconciliando-os completamente com o Pai

O autor introduz, assim, um contraste entre os sacrifícios repetidos que os sumos sacerdotes levíticos fazem e o sacrifício de uma vez por todas que Jesus fez. Esse contraste será desenvolvido extensivamente nos capítulos 9 e 10, onde a natureza repetitiva dos sacrifícios levíticos demonstra ao autor de Hebreus sua falta de eficácia. Hebreus 7.28 conclui esse segmento de argumentação com outra antítese bem construída, contrastando os sacerdotes levíticos e Jesus em três pontos.

Ele escreve novamente: O autor enfatiza a superioridade da mediação de Jesus e, portanto, a grande vantagem de permanecer ligado a ele em cada ponto dentro dessa antítese. Primeiro, a palavra do juramento, uma referência novamente, é claro, ao Salmo 110, versículo 4, suplanta a Torá, mas também mostra um compromisso mais direto da parte de Deus, um voto pessoal que Deus fez a respeito desse novo sacerdócio. Esse novo sacerdócio é estabelecido em uma fundação infalível, diferente do primeiro sacerdócio, que foi construído em um contrato que poderia ser, e foi, de acordo com o autor, quebrado pela falta de confiabilidade das partes humanas.

O titular deste sacerdócio, além disso, não é meramente um ser humano comum, mas alguém que desfruta de um relacionamento especialmente próximo com o patrono divino cujo favor é buscado. Era amplamente conhecido no mundo antigo que as chances de sucesso na mediação são proporcionalmente maiores quanto mais próximo o indivíduo estiver do relacionamento com o patrono. Então, ter o filho da família como aquele que busca o favor de Deus em seu nome praticamente garantia o sucesso.

Finalmente, e culminantemente, a fraqueza desses seres humanos em relação à sua responsabilidade pelo pecado e sua responsabilidade pela morte é contrastada com a perfeição eterna do Filho. O autor dedica muito tempo e espaço para construir o valor aqui do que os destinatários têm neste Jesus para que eles sejam menos tentados a jogá-lo fora em favor dos benefícios temporários que lhes faltam, desde que sejam vistos como identificados com o grupo cristão minoritário. Se o autor

conseguiu reorientar suas visões sobre a libertação e o julgamento escatológicos, então esta discussão sobre alguém que é capaz de libertar completamente e funcionar como um corretor infalível entre eles e Deus será bastante eficaz.

Antes de continuarmos nossa jornada nos capítulos 8 a 10 de Hebreus, vale a pena fazer uma pausa para considerar brevemente juntos o contexto do pensamento sobre uma morte voluntária em nome de outros como um sacrifício expiatório no judaísmo primitivo. A ideia da morte de um ser humano funcionando como um sacrifício de expiação, restaurando o relacionamento entre Deus e os seres humanos, não é algo que brota da Torá. Muito pelo contrário, a Torá proíbe o sacrifício humano como uma abominação diante de Deus.

A ideia da vida oferecida em nome de outros, mesmo oferecida para restaurar o favor dos deuses para com a nação, é bem atestada na literatura e na mitologia do mundo greco-romano. Essa ideia passa por um desenvolvimento paralelo dentro do judaísmo primitivo durante o período do Segundo Templo, sem dúvida influenciado em parte pelas contrapartes greco-romanas em sua cultura. Mas prosseguiu desenvolvendo essa ideia com base em uma lógica judaica verdadeiramente indígena.

A ideia de que uma pessoa poderia morrer em nome de outros aos olhos de Deus é construída sobre duas tradições muito importantes, a primeira das quais é Levítico capítulo 17, versículo 11. Este versículo estabelece a conexão fundamental do sangue e a troca de vida com a cobertura dos pecados. A vida da carne está no sangue.

Eu dei a vocês este sangue para realizar o rito de expiação por suas vidas no altar. Pois, assim como a vida, é o sangue que expia uma vida. Observamos ao longo dos Salmos e dos profetas, e os desenvolvimentos contínuos do judaísmo atestados na literatura intertestamentária, o desenvolvimento de uma tendência em direção à racionalização dos sacrifícios de animais que estão começando a pensar que Deus prefere louvor humano ou atos humanos de obediência ou contrição pelos pecados a ofertas sangrentas.

Pense, por exemplo, no Salmo 51, versículos 16 e 17. Você não se deleita em sacrifícios, ou eu os teria trazido. Você não tem prazer em holocaustos.

Meu sacrifício, ó Deus, é um espírito quebrantado, um coração quebrantado e contrito que tu, Deus, não desprezarás. Há também a tendência ao longo deste período em direção à extensão metafórica da linguagem sacrificial para outros atos. Por exemplo, atos de piedade podem ser contados como atos de culto no Salmo 141, versículo 2. Que minha oração seja contada como incenso diante de ti e o levantar das minhas mãos como um sacrifício vespertino.

Uma segunda linha que contribui para o desenvolvimento, de fato, da teologia do mártir no judaísmo primitivo é a teologia da aliança do próprio Deuteronômio, especialmente os capítulos 27 a 32. Esses capítulos expõem a teologia deuteronomista básica da história, pela qual se espera que a obediência à aliança de Deus leve à experiência da bênção de Deus, enquanto a desobediência à aliança deve levar ao desastre nacional. Mas então, o retorno à obediência por parte do povo efetuará a reversão das maldições e a restauração do favor de Deus.

Essas duas vertentes de pensamento, a ideia de que o sangue é dado para fazer expiação, vida por vida, e a ideia de que é a obediência que afasta a experiência da nação da maldição, são reunidas nas primeiras interpretações judaicas das mortes de seus próprios mártires do período da crise helenizante, que data de cerca de 168 a 166 a.C. Um dos livros dos Apócrifos, 2 Macabeus, interpreta os eventos desse período em termos deuteronomistas. Durante esse período, em prol da prosperidade material e dos avanços internacionais da cidade de Jerusalém e de sua classe de elite, as elites sacerdotais de Jerusalém buscaram refazer Jerusalém em uma cidade grega.

Para avançar este programa, uma boa parte da elite judaica apoiou Jasão, que nasceu com o nome Yeshua, mas adotou o nome Jasão como um sinal de seu amor por todas as coisas gregas, em um golpe contra seu irmão sumo sacerdote mais conservador, Onias. Jasão, uma vez no poder e aprovado pelo rei selêucida, Antíoco IV, deixou de lado a Torá como a constituição política e lei da terra em favor da adoção de uma constituição de estilo grego, construindo todos os instrumentos necessários para fazer o governo grego funcionar em Jerusalém. O autor de 2 Macabeus interpreta isso como um ato de apostasia nacional no mais alto nível.

Ele acredita que o ato de Jasão e da elite que o apoiou foi uma rejeição à aliança e foi a causa direta dos desastres que se abateram sobre a nação nos anos que se seguiram. De fato, sua parceria mais próxima com Antíoco IV levou a desastres para a cidade de Jerusalém. Várias vezes, Antíoco invadiu o tesouro do templo e massacrrou muitos de seus cidadãos.

Isso culminou no que foi lembrado como uma perseguição religiosa muito direta aos judeus justos que não abandonariam a Torá para se tornarem como as nações. Vários moradores de Jerusalém se depararam com uma escolha entre comer um bocado de carne de porco como um símbolo de sua disposição de deixar sua lei nativa para trás em favor da lei universal do reino selêucida e ser torturado até a morte. Essas pessoas justas se recusaram a comer aquele bocado de carne de porco mesmo sob a mais terrível dor.

O autor de 2 Macabeus então olha para esses martírios como uma oferta de obediência que os próprios mártires ofereceram a Deus e que Deus então aceitou em nome da nação. Por causa de suas mortes obedientes, o autor escreve, a ira do Senhor havia se transformado novamente em favor. Revisitando a mesma história, o

autor de 4 Macabeus, talvez um século ou mais depois, usa linguagem sacrificial e cultural ainda mais explicitamente para interpretar as mortes desses mártires e seus efeitos.

Por exemplo, ele teve o primeiro mártir, um velho sacerdote chamado Eleazar, que orou assim a Deus. Seja misericordioso com seu povo e deixe que nossa punição seja suficiente para eles. Faça do meu sangue sua purificação e tire minha vida em troca da deles.

Ao comentar sobre os martírios e as consequências em que a nação começou a ganhar vantagem sobre Antíoco IV e começou a reafirmar sua independência, o autor de 4 Macabeus escreve que o tirano foi punido e a pátria purificada. Eles se tornaram, por assim dizer, um resgate pelos pecados de nossa nação. E através do sangue daqueles devotos e sua morte como um sacrifício expiatório, a providência divina preservou Israel que anteriormente havia sido maltratado.

É apropriado neste ponto trazer uma terceira tradição escritural, a saber, o cântico do servo de Isaías 52, versículo 13 a 53, versículo 12, que é um precursor impressionante. A experiência de humilhação e marginalização, até mesmo a morte, é reformulada no cântico do servo em termos de morte sofrida para libertar outros da punição, portanto, uma expiação vicária. Seja qual for o significado do cântico em seu contexto original, Isaías 53 certamente se abre para leituras que lançam a morte de uma pessoa justa que sofre ignominiosamente porque se recusa a quebrar a fé com Deus como um sacrifício que restaura o favor de Deus e evita a ira divina.

O servo sofredor é submetido à dor e à mutilação. A passagem afirma a eficácia dessa morte como uma oferta não convencional e também finalmente celebra a grandeza e a vitória do servo sofredor. Todos esses elementos da canção do servo também têm contrapartidas na apresentação dos mártires em 4 Macabeus e, em uma extensão um pouco menor, em 2 Macabeus capítulo 7. Em 2 e 4 Macabeus, não é, é claro, o sangue humano em si que expia, mas a obediência até a morte, que Deus aceita como um sacrifício perfeito.

No contexto da teologia deuteronômista, essa fidelidade até a morte é a demonstração de obediência que afeta a reversão das maldições, conforme prometido em Deuteronômio capítulo 30, versículos 1 a 5. Baseando-se na terminologia sacrificial de Levítico sobre a oferta pelo pecado, a morte da pessoa justa se torna a oferta que restaura o relacionamento entre o pecador e Deus. É uma obediência representativa e obediência mantida até o fim em nome de outros e, portanto, um ato de mediação. Todas essas tradições juntas fornecem o rico pano de fundo sobre o qual os primeiros cristãos podiam se basear enquanto buscavam articular o significado da morte de Jesus adotada como consequência da obediência à vontade de Deus para o relacionamento entre Deus e o povo maior.